

## MÉTODO ANALÍTICO NA FILOSOFIA DE KANT

*Fábio César SCHERER*<sup>1</sup>

A história preliminar de Kant com o método de análise e síntese pode ser encontrada já nos primeiros escritos de Kant. No final da década de 40, Kant teve contato com autores que operam com o método resolutivo e compositivo. No primeiro escrito publicado, *Pensamentos sobre a verdadeira estimativa das forças vivas* (1747), Kant se ocupa com as posições cartesianas e leibnizianas sobre a relação entre a força e a velocidade nos corpos. Ambos os autores racionalistas defendem o método enquanto um dos elementos fundamentais da ciência segura e sólida, a ser alcançada no campo da filosofia e da metafísica. Espelhando-se na fecundidade e na solidez do conhecimento matemático, eles traçam considerações metodológicas para o pensamento filosófico. Entre elas, há menções à arte de resolução de problemas adotadas pelos matemáticos gregos (Apolônio, Diofanto e Pappus) e também à álgebra moderna (Viète). Em Descartes, há algumas referências diretas ao método de análise e de síntese (Descartes, AT, 10, p. 373-4, 379; AT 6, p. 18-20, 372; AT, 9, p. 121-3). Em Leibniz, há vários esboços de projetos de pesquisa em que o método analítico e sintético seria primordial (Leibniz, GP I, 195, 297; GP V, 432; GP VII, 57, 64, 292-295, 432, 477). No decorrer do escrito de Kant de 1747, há vários apontamentos que indicam, a exemplo dos seus antecessores modernos, a matemática enquanto modelo de certeza e exatidão a ser perseguido na filosofia e na metafísica (GSK, AA 01: 30. 32-34, 97.12-13, 139.05-140.29). Todavia, não há, ainda, menção direta de Kant ao método de análise e síntese.

É na década de 50, mais especificamente a partir do semestre de inverno de 1755/56, que Kant se utiliza do livro *Excerto da doutrina da razão*, de George Friedrich Meier (1752), para ministrar, pela primeira vez, preleções sobre lógica, que, muito provavelmente, Kant tomara diretamente conhecimento do método de análise e síntese. Na segunda parte do livro de Meier, entre os §§ 422 e 426, é exposto o método de análise e síntese enquanto uma arte de ensinar o conhecimento erudito (não há referências explícitas à aceção heurística desse método enquanto uma arte de resolução de problemas). Anotações feitas por Kant no livro Meier, entorno desses parágrafos, entre as décadas de 50 a 80, indicam não somente a tomada

de conhecimento, mas também uma certa relevância atribuída por Kant ao método analítico e sintético. Outro possível contato direto de Kant com o método de análise e síntese é em Newton. Na década de 50, o filósofo se dedicou a várias questões da filosofia da natureza, não raramente se apoiando em Newton para a sua discussão. O exemplo mais notável é a *História geral da natureza e teoria do céu* (1755). Nessa obra, Kant tem contato com o método experimental de pesquisa da natureza de Newton, utilizado para a construção do conhecimento sobre o universo e de seus efeitos (cf. Falkenburg 2000, <sup>80-86</sup>).

A “virada copernicana” quanto ao método para a filosofia e metafísica em Kant, todavia, ocorreu na primeira metade da década de 60. Um dos impulsos para que Kant se aprofundasse em questões metodológicas, certamente, veio do concurso da Academia de Ciências de Berlim de 1761. A questão do concurso consistia em saber “se as verdades metafísicas em geral e, em especial, os primeiros princípios da teologia natural e da moral, são suscetíveis da mesma evidência na demonstração que as verdades geométricas (...)” (AA 02: 493). Essa questão foi respondida por alguns dos principais filósofos do Esclarecimento alemão da segunda metade do século XVIII. A resposta dos três primeiros classificados, respectivamente, Moses Mendelssohn, Kant e Lambert, são similares. Todos direcionam a pergunta à metodologia e defendem o método analítico enquanto adequado para a metafísica. Entende por método analítico, o método combinado de resolução (análise) e composição (síntese), cuja a origem remonta a interpretação de Pappus sobre a arte de resolução de problemas dos antigos geômetras gregos (cf. PAPPI, 1589, 634, 3-634, 14).

O ganhador do prêmio, Mendelssohn, defendeu que o método válido para todas as ciências é o da análise dos conceitos, devendo ser também empregado para o conhecimento puro especulativo (cf. Mendelssohn, 1764, 8). O segundo colocado, Kant, publicou sua resposta, com algumas alterações, em 1764, sob o título *Investigação sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral*, em que defendeu que a metafísica não deve operar com o método sintético-axiomático, mas com o analítico. O terceiro colocado, Lambert, sugeriu também em seu escrito, publicado somente em 1918, que a solução para o caos dos conceitos na metafísica encontra-se no emprego do método de análise (cf. Lambert, 1918, 21-33). Tais respostas se interligam com a discussão metodológica da época (séculos XVII e XVIII), na qual os conceitos-chave, análise e síntese representam não somente a investigação do método apropriado para a filosofia, mas também para todas as ciências modernas<sup>2</sup>.

O escrito de Kant, de 1764, distingue-se das respostas de Mendelssohn e Lambert pela separação entre o procedimento analítico de conceitos de Wolff e o método sintético-axiomático da matemática pura e, em seguida, pela reconexão do procedimento analítico de conceitos com o método empírico da ciência da natureza de Newton (cf. Falkenburg, 2000, 73). O procedimento analítico é defendido por Kant enquanto adequado à metafísica, em oposição ao método matemático, isto é, ao método sintético, também conhecido método *more geometrico*, de caráter axiomático, empregado por Euclides na elaboração dos *Elementos*. O “método de Euclides” progrediu de princípios, entendidos enquanto definições, axiomas e postulados, para consequentes (teoremas e problemas) através de uma série de silogismos<sup>3</sup>.

Conforme o primeiro parágrafo da primeira consideração do texto kantiano de 1764, há duas formas de formar conceitos, a saber, pela “vinculação arbitrária de conceitos” ou por meio da “abstração daquele conhecimento que se tornou distinto por meio do desmembramento” (UD, AA 02: 276. 08-10). A matemática concebe as suas definições somente através da primeira via, isto é, pela “síntese” de representações arbitrárias de determinados sinais ou objetos matemáticos. Através das definições surgem os conceitos. O método adequado para chegar as definições matemáticas é o sintético-axiomático. Na filosofia, por sua vez, diferentemente do que na matemática — em que os conceitos são formados livre e arbitrariamente —, os conceitos já são dados, porém de forma obscura e indeterminada; dado isso se segue, para Kant, que o modo de proceder com os conceitos na filosofia difere do da matemática. Na filosofia, busca-se, inicialmente, pelas notas típicas do conceito dado, para tanto, pondera-se o conceito sobre diferentes perspectivas, faz-se o seu desmembramento e se compara as notas abstraídas com o conceito dado em vários casos e, por fim, expõe-se esse “pensamento abstrato” de forma pormenorizada e determinada (UD, AA 02: 276. 22-25).

Na segunda consideração do *Preisschrift*, de 1764, Kant afirma que as diferenças apontadas entre o conhecimento matemático e o filosófico, na primeira consideração, são também válidas para a metafísica, posto que essa nada mais é do que “uma filosofia sobre os primeiros fundamentos do conhecimento” (UD, AA 02: 283. 13-14). Como qualquer campo do conhecimento, em ambas as disciplinas, o uso de regras metodológicas são fundamentais para a obtenção de conhecimento seguro e confiável. Kant apresenta duas regras originalmente direcionadas para a metafísica, mas que também podem ser estendidas à filosofia em geral. A primeira e mais importante regra consiste em não começar com definições, mas pelo esclarecimento de conceitos (UD, AA 02: 285. 21-22). A segunda regra sugere que se destaque os juízos imediatos de um determinado objeto e, depois que se esteja seguro de um não estar contido no outro, coloque-os no começo, como fundamentos para as inferências. (UD, AA 02: 285. 32-36). Os juízos imediatos, nesse contexto, são responsáveis por fornecer uma exposição dos conceitos metafísicos. A primeira e a segunda regra são similares aos movimentos do método analítico-sintético: primeiro se vai aos componentes e, posteriormente, regressa-se para o todo.

Ainda nessa segunda consideração do escrito de 1764, Kant qualifica a metodologia empregada na obra *Óptica e nos Princípios matemáticos da filosofia natural* de Newton<sup>4</sup> como adequada para a metafísica e para a filosofia, e descreve o método newtoniano como aquele em que as regras — conforme as quais certos fenômenos naturais ocorrem — devem ser procuradas através de certas experiências e, em todo caso, com o auxílio da geometria. Caso essas regras desse método não sejam imediatamente percebidas nos corpos, é sabido, de igual modo, continua Kant, que esses corpos operam de acordo com elas. Os eventos complexos da natureza são esclarecidos “quando se mostra claramente como estão submetidos a essas regras bem determinadas” (UD, AA 02: 286. 10-16). A metafísica deve imitar esse método, iniciando, portanto, pelas experiências internas seguras e buscando encontrar as notas características que se encontram no conceito de uma qualidade universal qualquer e, ainda, que não se conheça a coisa por completo, como acrescenta Kant, pode se “utilizar daquelas notas para deduzir muito na coisa a partir delas” (UD, AA 02: 286. 16.21). Como facilmente se pode constatar, ao se

comparar a descrição do método da ciência da natureza e o da metafísica, há praticamente uma transposição de Newton por Kant.

No texto de 1764, Kant não interliga o método newtoniano com outra tradição do método de análise e síntese. Uma sugestão de conexão pode ser extraída indiretamente da proposta kantiana para as disciplinas do semestre de inverno de 1765-1766<sup>5</sup>, quando afirma que o método adequado para o ensino de filosofia para jovens é o método *zetético*. Para designar especificamente esse método, Kant utiliza a expressão correspondente grega, tal como teria sido utilizada, segundo ele, por alguns antigos (NEV, AA 02: 307. 20-23):

O método próprio de ensinar filosofia geral (*Weltweisheit*) é *zetético*, como era chamado por alguns antigos (de ζήτην), isto é, pesquisando, o qual, somente quando a razão está bem exercitada, torna-se, em diferentes partes, dogmático, isto é, decidido [...]” (NEV, AA 02: 307.20-23).

Todavia, ainda que essa passagem indique que Kant saiba que o método *zetético* já era conhecido na antiguidade grega, ela não se refere diretamente à arte heurística de resolução de problemas de filosofia, mas à arte de ensinar, tanto é que Kant continua, na sequência desse texto de introdução da proposta de disciplinas de inverno, com outras considerações gerais sobre o modo adequado de ensinar filosofia. Com a finalidade de deixar mais clara essa ressalva, vale uma rápida contextualização da passagem.

No texto introdutório da *Notícia da organização de suas preleções no semestre de inverno de 1765-1766*, Kant trata do método adequado para o ensino para jovens. Segundo ele, esse método deve estar em sintonia com o modo de avanço natural do conhecimento humano, em que, primeiro se forma o entendimento e, depois, a razão. Conforme Kant, é através da experiência que se chega aos juízos intuitivos e, desses, aos conceitos simples. Posteriormente, a razão reconhece a relação desses conceitos com os seus fundamentos e consequentes e, finalmente, por intermédio da ciência, chega-se ao conhecimento do todo bem ordenado. Nesse sentido, o procedimento de ensino deve, seguindo Kant, inicialmente preparar o entendimento para aumentar o seu desenvolvimento; para tanto, deve-se treinar o entendimento com os juízos da experiência e chamar a sua atenção para aquilo que as sensações comparadas de seus sentidos podem lhe ensinar. Desses juízos e conceitos os jovens devem gradualmente — sem sobressaltos e em conformidade com o amadurecimento do entendimento que, necessariamente, os exercícios anteriores deveriam ter lhes propiciados — avançar para os conceitos mais complexos.

Esse procedimento de ensino, todavia, conforme Kant, desafia a própria natureza da filosofia (*Weltweisheit*), visto que esta é uma ocupação própria dos adultos. Não sendo nenhuma surpresa que haverá dificuldades, se quiser torná-la confortável para a capacidade não exercitada dos jovens, postos que eles, “egressos do sistema da escola, estavam acostumados a apreender e, pensam que, irão apreender Filosofia, o que é impossível, já que terão que agora apreender a filosofar” (NEV, AA 02: 306. 29-32). Para Kant, em outros termos, a filosofia, diferentemente dos conhecimentos de gênero histórico e matemático, não é uma disciplina com conhecimentos já consolidados e prontos, de modo que não há uma Filosofia (propriamente dita) a ser ensinada. Logo, seria um abuso adotar um procedimento de ensino similar a uma ciência com conhecimentos já estabelecidos, isto é, um procedimento sintético-axiomático (NEV, AA 02:

309. 24). Antes, nas aulas de filosofia, deveria se buscar ampliar a capacidade de entendimento dos jovens, formando-os para ter futuramente seus próprios pontos de vista. É nesse contexto que Kant afirma que o método próprio de ensinar filosofia geral é *zetético*. Essa referência sugere, como afirmado acima, que Kant tinha algum conhecimento do método *zetético* da antiguidade grega. Fica em aberto, o quão profundo era o conhecimento de Kant dessa tradição grega, mais especificamente, a tradição do método de análise e síntese.

Quanto a esse último ponto, conta a seu favor o início da apresentação do programa da disciplina de metafísica, feita logo após o texto introdutório da *Notícia da organização de suas preleções no semestre de inverno de 1765-1766*. Nela, Kant retoma a proposta do escrito *Investigação sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral* (1764). Segundo Kant, o fato de que a metafísica, apesar dos notórios esforços dos eruditos, esteja ainda tão incompleta e incerta é decorrente do desconhecimento do método próprio da metafísica, na medida em que este “não é o sintético[-axiomático], como na matemática, mas o analítico” (NEV, AA 02: 308. 20-21)<sup>6</sup>. Isso porque, seguindo Kant, o conhecimento matemático e metafísico tem características distintas. Na filosofia, todos os conceitos primitivos são dados e as definições são analíticas. Na matemática, todas as definições são sintéticas, nenhum conceito é dado antes de sua definição. As proposições filosóficas primitivas não são imediatas ou intuitivamente certas como são os axiomas da matemática, bem como as provas filosóficas nunca são estritamente demonstrativas como o são as da matemática, tudo isso porque a filosofia deriva seu conhecimento de conceitos, *in abstracto*, e não da construção de conceitos, *in concreto*, como faz a matemática. Consequentemente, na matemática há poucos conceitos insolúveis e proposições indemonstráveis, ao passo que na filosofia há vários. Os objetos da filosofia são complexos e obscuros enquanto que os da matemática são fáceis e simples.

Após esse rápido paralelo, Kant afirma que estava desde um longo tempo trabalhando nesse projeto, o qual proporcionou descobrir a fonte dos erros e o critério do juízo, por meio do qual se pode evitar os erros, se é que eles serão, algum dia, possíveis de serem evitados. Na sequência, acrescenta que espera poder, em pouco tempo, apresentar de forma completa essa pesquisa, a qual servirá enquanto base de sua exposição sobre a metafísica (cf. *Ibid.* 308. 26-32). Até lá, Kant pretende implementar o método analítico (método de análise e síntese) através de uma pequena adaptação ao manual que escolheu para as lições de metafísica, a saber, o livro *Metafísica* (1757), de Alexander Gottlieb Baumgarten<sup>7</sup>. Essa pretensão de publicar um trabalho completo poderia ser pensada enquanto protoideia daquela que, mais tarde, findou com a publicação da *Crítica da razão pura*?<sup>8</sup> Compartilharia essa obra de 1781 uma concepção similar de método do que Kant tinha em 1764 e 1765?

Na dissertação *Forma e princípios do mundo sensível e do mundo inteligível* (1770), temos uma das últimas referências ao método de análise e síntese em escritos publicados na fase pré-crítica. Essa referência está no início do escrito de 1770. Apesar de encontrar-se em nota de rodapé e não haver no decorrer do escrito retomada explícita do tema, a análise e síntese desempenha uma importante função nesse escrito. Ela é apresentada enquanto pressuposto metodológico para a investigação do conceito geral de mundo, o qual será posteriormente distinguido em sensível e em inteligível. Tornar explícito esse papel da análise e síntese demandaria uma

análise mais detalhada e longa. Por ora, limitamo-nos a chamar a atenção para a caracterização kantiana de análise e síntese:

As palavras análise e síntese têm comumente uma dupla acepção. Na acepção qualitativa, a síntese é uma progressão dentro da série de subordinadas, da condição ao condicionado; na acepção quantitativa, ela é uma progressão dentro da série de coordenadas, da parte, para seu complemento, no todo. Simetricamente, a análise, no primeiro sentido, é uma regressão do condicionado à condição; no segundo, do todo às suas partes possíveis ou mediatas, isto é, às partes de suas partes; e assim ela não é a divisão, mas a subdivisão do composto dado (MSI, AA 02: 308n.).

Há que se notar uma certa semelhança das acepções qualitativa e quantitativa atribuídas por Kant às palavras análise e síntese com a descrição de Pappus dos diferentes tipos de problemas solucionados pelo método de análise e síntese<sup>9</sup>. Dado isso se seguiria, por exemplo, que a descrição kantiana, tal qual a pappusiana, não se limita à prova de proposições, como os lógicos provam seus teoremas, mas também admite um sentido construcional. De acordo com Pappus, o método pode ser aplicado tanto aos problemas de determinar (um objeto) quanto aos problemas de provar (uma proposição). Nos problemas de determinar, a incógnita é um objeto ou uma construção legítima para esse objeto. Para se encontrar e se provar a solução, serve-se de construções geométricas auxiliares, partindo da solução para as suas condições. Esse procedimento se assemelha à qualificação quantitativa da análise e da síntese realizada por Kant. Nos problemas de provar, a incógnita é o valor de verdade ou a prova de um teorema conjecturado. O procedimento consiste na busca de hipóteses explicativas, a partir do qual se segue dos consequentes aos seus antecedentes, o que se aproximaria da qualificação kantiana qualitativa da análise. Todavia, apesar dessa semelhança, é difícil atestar que Kant tome tais notas sobre a dupla acepção das palavras de análise e síntese em referência direta ao método de análise e síntese de Pappus. Outras fontes ou reflexões próprias<sup>10</sup> poderiam tê-lo levado a essa qualificação.

Na fase crítica, Kant não dedicou nenhuma obra à teoria geral do método utilizado, de forma que há certa dificuldade em identificar a influência do método analítico e sintético em seus textos críticos, assim como em circunscrever alguns aspectos desse método. Esses obstáculos podem parcialmente ser superados pelo exame das passagens dispersas em suas obras. Para fins de explicitar a presença do método de análise e síntese no período crítico, exporei duas passagens extraídas dos *Prolegômenos* e uma da *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Outras referências explícitas ao método de análise e síntese podem ser encontradas na *Crítica da razão pura* (KrV, AA 03: 260n), *Prolegômenos* (Prol, AA 04: 263. 27-32), na *Crítica da razão prática* (KpV, AA 05: 64. 01-05), *Sobre uma descoberta* (ÜE, AA 08: 192. 07-19) e na *Lógica* (Log, AA 09: 149. 05-14).

Uma das passagens textuais que indicam que o filósofo alemão emprega o método de análise e síntese na construção do seu projeto de filosofia transcendental está presente no início dos *Prolegômenos*:

Na *Crítica da razão pura*, tratei esta questão de modo sintético, isto é, investiguei na própria razão pura e procurei determinar, segundo princípios, nesta mesma fonte, tanto os elementos como as leis do seu uso puro. (...). Em contrapartida, os *Prolegômenos* devem apenas ser exercícios preparatórios; devem mostrar o que há que fazer para, se possível, realizar uma ciência, mais do que expor essa própria ciência. Devem, por conseguinte, fundar-se em alguma coisa que já se conhece seguramente, a partir da qual se possa partir com confiança e subir até às fontes que ainda não se conhecem e cuja

descoberta nos explicará não só o que se sabia, mas ao mesmo tempo nos fará ver um conjunto de muitos conhecimentos, todos provenientes das mesmas fontes. O procedimento metódico dos prolegômenos, sobretudo dos que devem preparar para uma metafísica futura, será, pois, analítico (Prol, 274-275. 27-07).

Conforme o fragmento, na obra inaugural do projeto crítico, foi empregado o método sintético e no escrito menor, que visa introduzir e apresentar os principais elementos desse projeto, o método analítico. Todavia, há de se advertir que, nessa passagem, a escrita de Kant não pode ser levada ao pé da letra, posto que, por um lado, os *Prolegômenos* não descrevem todas as partes analiticamente importantes da pesquisa expostas na primeira *Crítica* e, por outro lado, há nessa última obra uma mescla de procedimentos sintéticos e analíticos. No geral, o critério adotado por Kant na escolha entre uma e outra etapa do método se baseia no modo de operação das etapas. Na análise, o movimento de operação se inicia pelo condicionado e se estende até o incondicionado. Na síntese, ocorre o movimento inverso. A primeira etapa trabalha com procedimentos de descoberta e, muitas vezes, utiliza, para tanto, hipóteses de modo que não é tão segura quanto é a segunda etapa. A síntese se ocupa em expor sequencialmente os dados alcançados, formando uma dedução rigorosa.

Uma outra passagem dos *Prolegômenos* nos oferece mais elementos sobre o que Kant entende, na primeira metade da década de 80, por método de análise e síntese:

O método analítico, enquanto oposto ao método sintético, é inteiramente diverso de um conjunto de proposições analíticas: significa apenas que se parte do que se procura, como se fosse dado, e se vai até às condições sob as quais unicamente é possível. Neste método de ensino, empregam-se muitas vezes apenas proposições sintéticas; a análise matemática é disso um exemplo; e seria melhor chamá-lo método regressivo, para o distinguir do método sintético ou progressivo (Prol, AA 04: 276n)<sup>11</sup>.

Com a distinção do método analítico da arte analítica de desmembramento de conceitos, assim como a explicitação da natureza complementar do método de análise e síntese, dois equívocos comuns podem ser evitados. Primeiro, o de que o método analítico seja entendido enquanto desmembramento de conceitos presentes em proposições analíticas. Segundo, o de que o método analítico e o sintético são dois procedimentos de prova distintos e independentes. No fragmento acima, Kant inicia destacando o que o método analítico não é: “um conjunto de proposições analíticas”, cuja função é o desmembramento do conceito. Com o auxílio de tais proposições analíticas, é esclarecido o significado de conceitos ou se determina o seu significado e, enquanto tal, o desmembramento de conceitos é um procedimento que pode estar presente no interior do método analítico (sem que seja confundido com este). No método analítico-regressivo, parte-se do que é procurado como se fosse dado (por exemplo, a validade objetiva de determinadas proposições sintéticas *a priori*) e se ascende em busca das condições, sobre as quais ele é possível. No método sintético-progressivo, percorre-se o caminho inverso, começando pelas condições e indo até o que é procurado. Os passos argumentativo-lógicos do método progressivo são similares aos empregados no método regressivo. A diferença encontra-se na perspectiva heurística e didática, respectivamente, do método analítico e do sintético. Dado a natureza heurística do método analítico, ele contém predominantemente proposições sintéticas. Uma ilustração do emprego do método de análise e síntese na *Crítica da razão pura*

foi feita por Loparic (2005, 49-77). No segundo capítulo de seu livro *A semântica transcendental de Kant*, ele apresenta a “descoberta e prova da solução do problema central da filosofia crítica”, enunciado pela pergunta: como são possíveis proposições sintéticas?

O método analítico (análise e síntese), empregado por Kant na *Crítica da razão pura e Prolegômenos*, difere em alguns pontos do descrito por Kant em 1764. Dois pontos valem ser destacados. Primeiro, há o abandono do perfil empirista de 1764. Segundo, a descrição do método de análise e síntese, presente nos *Prolegômenos* (Prol, AA 04: 263. 27-32; 274-275.27-07; 276 n), vai além da descrição de 1764 (e das feitas por Newton no penúltimo parágrafo da *Óptica*, ou nas quatro regras do raciocínio em filosofia do início do livro III dos *Princípios matemáticos da filosofia natural*), à medida que contém mais pontos explícitos de contato com a descrição pappusiana do método de análise e síntese. A primeira semelhança consiste que há em ambos métodos algo ainda não seguro ou esclarecido presente no início da investigação: o procurado, que é pressuposto enquanto aceito. A segunda semelhança decorre que, tanto em Pappus quanto em Kant, o método no seu todo é composto dos passos analíticos ou resolutivos e sintéticos ou compositivos/demonstrativos, bem como que ambos passos são interpretados na tradição dos *Segundos analíticos* enquanto a ascensão das premissas (método regressivo) ou enquanto a derivação de conclusões (método progressivo). Em termos específicos, na análise, após se admitir o procurado enquanto dado, busca-se pelas suas condições de possibilidade até encontrar algo conhecido e, na síntese, faz-se o movimento inverso da análise. Em decorrência, terceira semelhança, as partes no interior do método como um todo contém as mesmas funções: na primeira parte é encontrada a prova e, na segunda, é realizada a prova. E, por fim, quarta semelhança, o ponto de partida e o ponto final é idêntico em ambos métodos no que refere ao objeto: o que era não era claro ou seguro no começo é tornado no final<sup>12</sup>.

Uma terceira passagem que indica claramente que Kant se serve do método de análise e síntese para a construção da sua filosofia transcendental, agora, no âmbito da filosofia prática, encontra-se no final do prefácio da *Fundamentação da metafísica dos costumes*:

Eu empreguei o meu método neste escrito, como eu acredito, que ele é mais apropriado, se quer seguir o *caminho analítico* do conhecimento geral para a determinação do princípio supremo desse conhecimento, e, em seguida de volta, pelo *caminho sintético*, do exame deste princípio e de suas fontes para o conhecimento geral, onde se encontra a sua aplicação (GMS, 392. 17-22).

Na primeira e na segunda seção desse escrito inaugural da filosofia moral crítica, em que se procura e se estabelece o princípio supremo da moralidade, Kant utiliza o método analítico. Já, na terceira seção, no qual mostra como é possível o imperativo categórico enquanto uma proposição sintética *a priori*, o filósofo de Königsberg procede de acordo com o método sintético (cf. Schönecker, 2016, 87). Como indicado acima, o desmembramento de conceitos pode perfazer uma parte no interior do método analítico. Tal é o caso, por exemplo, do conceito de vontade geral na primeira seção da *Fundamentação*. Na análise desse conceito, pressuposto enquanto conceito do conhecimento racional moral comum, encontram-se a analiticidade do método e a analiticidade do desmembramento de conceitos em convergência. A analiticidade do método requer o ascender até o princípio supremo e a sua fundamentação. A analiticidade da explicação viabiliza o ascender às condições de possibilidade do conceito inicialmente



pressuposto (boa vontade), uma vez que circunscreve o significado desse princípio. Uma apresentação geral da linha argumentativa da *Fundamentação*, de acordo com o método analítico e sintético, pode ser encontrada no prefácio da tradução bilíngue para o português de Guido Almeida (2010).

Outro elemento que indica a relevância do método de análise e síntese para o projeto crítico kantiano é a proximidade entre alguns elementos fundamentais da estrutura de funcionamento da máquina heurística kantiana (tanto da razão especulativa quanto da razão prática) e esse método matemático, de origem grega. O conceito kantiano de “objeto possível”, por exemplo, seria uma generalização do conceito pappusiano de “dado”, sinônimo, na geometria, de objetos primitivos (ponto, reta, círculo, etc.) ou de “objetos que possam ser construídos por meio de postulados ou por outros procedimentos de construção, a partir de objetos primitivos” (Loparic, 2005, 39). Dado isso decorre que o método de análise e síntese, tal como descrito por Pappus (cf. PAPPUS, 1589, 634, 3-634, 14), aplica-se somente a objetos fenomenais (produto do nosso aparato cognitivo) e não as coisas em si mesmas (cf. Loparic, 2005, 31). Seguindo essa observação, assim como as feitas mais tarde por Proclus sobre o domínio da matemática (cf. Proclus, 1873, 51), Kant afirmará que a propriedade construtível dos objetos da matemática pode ser apoditicamente conhecida quando é subjetivamente necessária e objetivamente válida, o que coloca o filósofo de Königsberg a um passo da tese da idealidade do tempo e do espaço. Outros dois exemplos de proximidade de Kant com aspectos da arte de resolução de problemas, pautada no método de análise e síntese, podem ser citados. Um, diz respeito ao termo “possível” presente na questão: como são possíveis juízos sintéticos *a priori*? Na geometria grega e em Kant, são denominadas ‘possíveis’ as proposições que podem ser verdadeiras ou falsas na sua relação com os dados intuitivos sensíveis. Outro, refere-se à divisão kantiana do conhecimento puro em conhecimento a partir de conceitos e em conhecimento advindos de construções de conceitos, por sua vez, seria próxima da distinção entre procedimentos construtivos e lógicos feita por Pappus.

Por fim, vale mencionar que a Academia de Ciências de Berlim, após praticamente quarenta anos do concurso de 1763, lançou outros dois concursos sobre metodologia, mais especificamente, sobre o método analítico na filosofia. As questões dos concursos de 1803 e 1807 são similares e, em alguma medida, complementam-se. No concurso de 1803, foi requerida a determinação precisa do que é análise e do que é método analítico na filosofia, bem como se perguntou se haveria meios de assegurar e facilitar o seu emprego<sup>13</sup>. O concurso de 1807 também pergunta sobre os meios de se constatar e tornar fácil o uso do método analítico na filosofia e, além disso, direciona-se ao campo de aplicação desse método no interior da filosofia, interrogando se ele pode ser aplicado a todo e qualquer conteúdo ou se há áreas da filosofia, no qual é adequado o método sintético-axiomático<sup>14</sup>. As perguntas do concurso da Academia relevam, por um lado, a importância do método analítico no interior da filosofia alemã, da qual Kant faz parte, e, por outro lado, a dificuldade de determinar com exatidão a natureza desse método e o modo como opera, dificuldades estas, aliás, também estão presentes nos textos de Kant.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde os primeiros até os últimos escritos de Kant<sup>15</sup>, podem ser encontradas referências ao método de análise e síntese, sendo que elas são mais notórias na primeira metade da década de 60 e a de 80. Em via de regra, esse método é qualificado explicitamente como uma arte de ensinar conhecimentos eruditos e como um instrumento de exposição de conteúdo (de uma doutrina ou pesquisa), sendo implícita e indireta a qualificação kantiana desse método enquanto um instrumento heurístico para a solução de problemas. A julgar pelas qualificações realizadas por Kant na primeira metade da década de 60, o método de análise seria o mais adequado para a metafísica. Se considerados os prefácios das principais obras da primeira metade da década de 80, ele teria sido utilizado tanto na pesquisa do domínio especulativo quanto no domínio prático da razão pura. Todavia, apesar da aparente importância desse método em Kant, não há no período crítico nenhum texto ou mesmo seção dedicada a expor e caracterizar sistematicamente o método de análise e síntese. A exceção fica ao período pré-crítico, com o escrito *Investigação sobre a evidência dos princípios da teologia natural e da moral* (1764).

Esse espaço reduzido e pontual, dado por Kant ao método de análise e síntese nas obras críticas, tem contribuído tanto para que haja poucos trabalhos dedicados ao método de análise em Kant e, em especial, para os raros casos que lhe atribuem um papel importante dentro do sistema kantiano (Tonelli, 1976; Hintikka, 1996; Loparic, 2005), quanto para a divergência sobre esse método em Kant. Alguns circunscrevem o emprego e a relevância do método de análise ao período pré-crítico (Engfer, 1982, 1983; Falkenburg, 2000). Outros afirmam que ele é fundamental para a construção da filosofia transcendental, porém o limitam ao âmbito do uso especulativo da razão (Timmermans, 1995). Já outros, bem mais raros, aplicam-no também ao domínio da razão prática e dos seus subcampos, por exemplo o jurídico-político (Loparic, 1999, 2003; Almeida, 2009; Scherer, 2010). Por isso urge a necessidade de análises aprofundadas sobre o papel do método de análise e síntese no pensamento kantiano, sobretudo, no período crítico.

**RESUMO:** A questão do método é uma temática central e recorrente na filosofia kantiana, desde os primeiros até os últimos escritos. Dentre os vários modelos de métodos listados por Kant, encontra-se o método de análise e síntese, também denominado, em contraste ao método sintético-axiomático, de método analítico. O objetivo deste artigo é apresentar e descrever o uso do método analítico na filosofia de Kant, sobretudo, na primeira metade da década de 60 e de 80, em que se concentram, nas obras publicadas, as referências a esse método.

**PALAVRAS-CHAVE:** método, análise, síntese, matemática, filosofia

**ABSTRACT:** The method issue is a central and common theme in the kantian philosophy, from the first to the last writings. Among the several models of methods, listed by Kant, one of them is the method of analysis and synthesis, also called analytical method, in contrast to the synthetic-axiomatic method. The aim of this article is to present and describe the use of the analytical method in Kant's philosophy, especially in the first half of the 60s and 80s, where the references to this method are concentrated in published works.

**KEYWORDS:** method, analysis, synthesis, mathematics, philosophy

## REFERÊNCIAS / REFERENCES

ALMEIDA, Guido Antônio de. Introdução. In: *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

*ALLGEMEINE Literatur-Zeitung/Intelligenzblatt*. Jena/Halle/Leipzig. 1785-1849. (Online Zeitschrift: <http://zs.thulb.uni-jena.de>).

ARNAULD, Antoine; NICOLE, Pierre. *Logic or the Art of Thinking. Containing, Besides Common Rules, Several New Observations Appropriate for Forming Judgment*. Cambridge University Press: Cambridge, 1996.

DESCARTES, René. *Ceuvres de Descartes*. Adam, C. & Tannery, P. (Ed.). Paris: Vrin/Centre National Du Livre, 1995-1998.

ENGFER, Hans.-Jürgen. Zur Bedeutung Wolffs für die Methodendiskussion der deutschen Aufklärungsphilosophie: Analytische und synthetische Methode bei Wolff und beim vorkritischen Kant. In: *Christian Wolff (1679-1754). Interpretationen zu seiner Philosophie und deren Wirkung*. Schneiders, W. (org.). Hamburg: Felix, 1983, 48-65.

\_\_\_\_\_. *Philosophie als Analysis. Studien zur Entwicklung philosophischer Analysiskonzeptionen unter dem Einfluß mathematischer Methodenmodelle im 17. und frühen 18. Jahrhundert*. Stuttgart: Frommann-Holzboog, 1982.

FALKENBURG, Brigitte. *Kants Kosmologie. Die wissenschaftliche Revolution der Naturphilosophie im 18. Jahrhundert*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 2000.

HINTIKKA, Jaakko. *La philosophie des mathématiques chez Kant. La structure de l'argumentation transcendantale*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

HINTIKKA, Jaakko & REMES, Unto. *The method of analysis*. Dordrecht/Boston: D. Reidel Publishing Company, 1974.

KANT, Immanuel. *Gesammelte Schriften*. Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin. 1900ff.

LAMBERT, Johann Heirich. *Über die Methode die Metaphysik, Theologie und Moral richtiger zu beweisen. Aus dem Manuskript hrsg. v. K. Bopp*. Berlin: Reuther & Reichard, 1918.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Die philosophischen Schriften von Gottfried Wilhelm Leibniz*. Hrsg. C. I. Gerhardt. 7 Bände. Hildesheim: Olms, 1965. [=GP].

LOPARIC, Zeljko. *A semântica transcendental de Kant*. 5ª ed. Campinas: Unicamp/CLE, 2005.

\_\_\_\_\_. O fato da razão – uma interpretação da semântica. *Analytica*. Rio de Janeiro, UFRJ, Vol. IV, nº 1, jul, 1999, 13-55.

\_\_\_\_\_. O problema fundamental da semântica jurídica de Kant. In: *O filósofo e a sua história*. Smith, Plínio e Wrigley, Michael B. (orgs.) Campinas, Unicamp/CLE, 2003, 481-524.

MEIER, Georg Friedrich. *Auszug aus der Vernunftlehre*. Halle: Johann Justinus Gebauer, 1752. (<http://virt052.zim.uni-duisburg-essen.de/Kant/meier/>).

MENDELSSOHN, Moses. *Abhandlung über die Evidenz in Metaphysischen Wissenschaften (...)*. Berlin, Haude und Spener, 1764.

NEWTON, Isaac. *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*. London: Innys, 1726.

\_\_\_\_\_. *Opticks [Optics], or a treatise of the reflections, refractions, inflections & colours of light*. London: Bell, 1931.

PAPPI ALEXANDRINI. *Pappi Alexandrini mathematicae collectionis*. Trad. Federico Commandino Urbinateae in Latinum conversae, et commentariis illustratae. Venedig: Franciscum de Franciscis Senensem. 1589. ([https://archive.org/details/bub\\_gb\\_YTKUNyiY8sEC/page/n7](https://archive.org/details/bub_gb_YTKUNyiY8sEC/page/n7))

PECKHAUS, Volker. Regressive Analysis. In: *Philosophiegeschichte und logische Analyse*. Uwe Meixner und Albert Newen (Hg.). Paderborn, Bd. 5, 2002, 97-110.

PROCLUS, D. *In primum Euclidis elementorum librum commentarii*. Leipzig: Teubner, 1873.

SCHERER, Fábio César. *Teoria kantiana dos juízos jurídico-políticos a priori segundo o método de análise e síntese*. Campinas, IFCH, 2010. Tese de doutorado.

SCHÖNECKER, Dieter. Die Methode der Grundlegung und der Übergang von der gemeinen sittlichen zur philosophischen Vernunftkenntnis. In: Oberer, Hariolf (Hrsg.): *Kant: Analysen - Probleme - Kritik*. Band. 3. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1997.

TIMMERMANS, Benoît. *La resolution des problèmes de Descartes à Kant*. Paris, PUF, 1995.

TONELLI, Giorgio. Analysis and synthesis in XVIIIth century philosophy prior to Kant. *Archiv für Begriffsgeschichte* 20, 1976, 178-213.

## NOTAS / NOTES

<sup>1</sup> Professor do departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina. Possui formação pela Unicamp (mestrado e doutorado). Realizou pós-doutorado na Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg e na Humboldt Universität zu Berlin. E-mail: schererfabio@gmail.com

Professor of the Department of Philosophy of Londrina State University. He has masters and doctoral degree from Unicamp. In addition, he holds degrees from Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg and the Humboldt Universität zu Berlin. E-mail: schererfabio@gmail.com

<sup>2</sup> Segundo Engfer (1982, 68-121), há na Idade Moderna pelo menos três modelos metodológicos oriundos de interpretações do método dos matemáticos gregos (sobretudo, Proclus e Pappus): a) o método desenvolvido por Viète e Descartes; b) o método interpretado por Zabarella e explorado por Galileu, por Newton e por Kant; c) o método elaborado por Raymundus Lullus, no século XIII, e que foi utilizado por muitos autores na Idade Moderna, entre eles, por Athanasius Kircher e Ivo Salzinger. Em suma, pode-se dizer que há dois grandes modelos metodológicos referentes aos antigos geômetras (o método sintético-axiomático e o método combinado) e três variações modernas do método de análise e síntese.

<sup>3</sup> Trata-se do método matemático mais proeminente até o século XVIII, tanto para o método científico quanto para o método filosófico (cf. Engfer, 1982, 72). Neste artigo, utilizaremos a expressão “método sintético-axiomático” para nos referirmos a ele, evitando, assim, confundir-lo com a segunda etapa do método combinado de análise e síntese, a etapa de síntese.

<sup>4</sup> Passagens sobre o método nas obras publicadas de Newton podem ser encontradas no final da questão 23 (edição latina, 1706) ou da questão 31 da obra *Óptica* (edição inglesa, 1717), nas quatro “regras do raciocínio em filosofia” e no final do escólio geral dos *Princípios matemáticos da filosofia natural* (1726). Além disso, há passagens sobre o método científico em cartas, tais como as de Newton a Cotes (28/03/1713), de Newton a Oldenburg (06/02, 10/06 e 06/07 de 1672). Entre essas passagens, a que trata especificamente do método de análise e síntese encontra-se no final da questão 31.

<sup>5</sup> Nesse escrito, o filósofo de Königsberg expõe sua proposta de cursos para o semestre de inverno. Os cursos a serem oferecidos eram: metafísica, lógica, ética e geografia física. A organização desses cursos era feita de acordo com os conteúdos. O critério era começar por assuntos mais palpáveis, que possuísem uma ligação com a vida cotidiana dos alunos (experiências) e aos poucos ir adentrando em questões mais abstratas, dado que os alunos jovens se entusiasmassem rapidamente por algo, todavia, esse entusiasmo é passageiro. NEV, AA 02: 303-313.

<sup>6</sup> Essa tese também pode ser encontrada nos cadernos de Phillipi (§ 422) e Busolt, sobre as *Preleções de Lógica*, ministradas por Kant, respectivamente, em 1772 e em 1789/90. O diferencial da anotação do caderno de Busolt é a indicação de que o método adequado para tratar de algumas partes da filosofia não é o método analítico. Segundo a anotação de Busolt (XXIV684), “o método sintético[-axiomático] é apropriado somente na ciência, onde se parte do geral para o particular, assim, na matemática. Em contraposição, na filosofia encontra-se, em sua maioria, o [método] analítico, com exceção de algumas partes”.

<sup>7</sup> Na metafísica de Baumgarten, utilizada por Kant como manual para seus cursos, a ordem dos conteúdos era organizada da seguinte forma: 1) ontologia; 2) cosmologia; 3) psicologia (racional e empírica) e 4) teologia. Segundo à proposta do filósofo de Königsberg, deve-se começar pela psicologia empírica, passando pela cosmologia, ontologia, psicologia racional e concluindo com a teologia. A psicologia é desmembrada em psicologia empírica e racional (NEV, AA 02: 309.01-28).

<sup>8</sup> Vale lembrar que a primeira referência clara sobre a pretensão de escrever a *Crítica da razão pura* está presente na carta de Kant a Marcus Herz, escrita em 21 de fevereiro de 1772 (Br, AA 10: 129-130).

<sup>9</sup> O método de análise e síntese é descrito por Pappus, no livro VII de sua *Coleção matemática*, da seguinte forma: “A análise é o caminho do procurado, considerado como se fosse admitido, que a partir dos desdobramentos daí decorrentes, avança até algo que já havia sido admitido na síntese. Pois na análise pressupomos o que é procurado como se já tendo sido aceito e investigamos aquilo a partir do qual esse algo resulta, e de novo qual é o antecedente deste último, até que, no nosso caminhar para trás, alcancemos algo que já é conhecido ou que possui a qualidade de um princípio. Chamamos tal proceder de análise, por ser uma solução para trás. Na síntese, ao contrário, pressupomos inversamente o que nós alcançamos por último na análise, enquanto já tendo sido aceito, e, tratamos, o que lá ocorre segundo uma ordem natural, aqui enquanto desdobramentos, ligamos um com os outros e, assim, alcançamos ao final a construção do procurado. E a isso chamamos síntese.

Porém, a análise é de dupla arte. Uma serve para a procura da verdade e se chama teórica. A outra serve para executar o que deve ser feito e se chama análise problemática. Na análise teórica pressupomos o procurado como existente e verdadeiro, e chegamos, através dos desdobramentos daí decorrentes, os quais são também vistos enquanto verdadeiros e, através do nosso pressuposto, seguros, até uma afirmação. Se essa afirmação é verdadeira, é também o procurado, e a prova será o inverso da análise. Se, porém, a afirmação é falsa, então o procurado também será falso. Na análise problemática pressupomos o que será requerido enquanto conhecido e chegamos, através dos desdobramentos daí decorrentes, que serão admitidos enquanto verdadeiros, a alguma afirmação. Se o que foi afirmado é possível e pode ser feito, isto é, se o afirmado é aquilo que os matemáticos designam enquanto “dado”, então é também possível o que será requerido, e prova será novamente a inversão da análise. Mas se o que foi afirmado é impossível, então será impossível também o que será requerido” (PAPPI, 1589, 634, 3 – 634, 14). A tradução acima do fragmento de Pappus foi feita a partir da tradução alemã de Engfer (1982, 73-4), a qual se orientou na tradução latina feita por Hultsch (1875-78), na tradução alemã de Gerhardt (1871) e na tradução inglesa de Heath (1908). Traduções rapidamente divergentes podem ser encontradas em Cornford (1932) e Hintikka/Remes (1974).

<sup>10</sup> No caderno de Blomberg sobre a *Preleções de Lógica* (§ 414), ministradas por Kant em 1771, há indicação de que a forma de subordinação (corresponde a supracitada acepação quantitativa) é adequada para os conhecimentos racionais, ao passo que a relação de coordenação (acepação qualitativa) é apropriada para os conhecimentos históricos.

<sup>11</sup> Segundo Peckhaus (2002, 104), o termo grego para “método” foi traduzido por Christian Wolff, conhecido criador da terminologia filosófica alemã, por “Lehrart”, isto é, “arte de ensinar” ou “modo de apresentar”. Nessa forma, o termo teria ainda sido empregado por Kant, por exemplo, nos *Prolegômenos*. Uma das razões que teriam levado Wolff a adotar essa terminologia é a caracterização do método presente no manual *Lógica de Port-Royal* (publicada anonimamente em 1662 por Antoine Arnauld e Pierre Nicole). Conforme o segundo capítulo da quarta parte desse manual, o método é uma “arte de organizar uma série de pensamentos adequadamente”, quer para descobrir a verdade (análise) quer para provar para os outros o que já sabemos (síntese). Ainda segundo essa descrição, o método de síntese pode também ser chamado de método de ensino (Cf. Arnauld e Nicole, 1996, 233).

<sup>12</sup> O segundo prefácio e a introdução da *Crítica da razão pura*, assim como o prefácio e os cinco primeiros parágrafos dos *Prolegômenos*, em que se apresenta os dados conhecidos, o que se busca (o desconhecido) e como se realizará essa tarefa, possuem também semelhanças com a forma de formulação e resolução de problemas da tradição do método de análise e síntese pappusiana.

<sup>13</sup> “Determine com precisão a natureza da análise e do método analítico na filosofia, e investigue se há meios para assegurar e para facilitar o seu uso, e detalhe exatamente estes meios” (Allgemeine, v. 4, n. 162, 1324).

<sup>14</sup> “Deve-se procurar e os indicar os meios para tornar seguro e facilitar a aplicação da análise filosófica. Além disso, o método analítico, determinado desta forma, é aplicável igualmente em todo o campo da filosofia? Ou há algumas partes desta ciência, na qual somente tem lugar o procedimento sintético?” (Allgemeine, v. 4, n. 92, 741).

<sup>15</sup> Um exemplo é o trecho presente na obra *Lógica* (1800): “O método analítico opõe-se ao sintético. O primeiro começa do condicionado e do fundamento e dali progride até os princípios (*a principiatis ad principia*). O segundo, ao oposto, vai dos princípios aos consequentes ou do simples ao composto. O primeiro pode ser denominado também de método regressivo, e o segundo, de método progressivo” (Log, AA 09: 149.05-10).

Recebido / Received: 16.4.2019.

Aprovado / Approved: 22.5.2019.

